

APRESENTAÇÃO

Linguística popular

Marcelo Rocha GONÇALVES 

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

Dennis PRESTON 

Universidade de Kentucky (UK)

Roberto Leiser BARONAS 

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)



OPEN ACCESS

COMO CITAR

Gonçalves, M. R.; Preston, D.;
Baronas, R. L. (2023). Linguística
popular. *Revista da Abralín*, v. 22,
n. 2, p. 1-10, 2023.

No *Dicionário de linguagem e linguística* de R. L. Trask, publicado em 2004¹, há uma definição de linguística ingênua (*folk linguistics*) da qual gostaríamos de partir para apresentar o presente dossiê de linguística popular. Nosso desejo aqui não é desqualificar o trabalho do importante linguista, mas contribuir para o debate sobre as ciências da linguagem praticadas atualmente no Brasil, notadamente àquelas que vão na direção contrária da hegemonia científica do norte global. Vamos ao ver-bete proposto por Trask:

Linguística ingênua (*folk linguistics*) – Crenças que os falantes têm acerca de sua própria língua, ou sobre a linguagem em geral. Em qualquer comunidade linguística, os falantes têm, normalmente, muitas crenças acerca da linguagem: que uma certa língua é mais antiga, mais bela, mais expressiva ou mais lógica do que outra – ou, pelo menos, mais adequada para certos propósitos – ou que certas formas ou usos são “corretos”, enquanto outros são “errados”, “contrários à gramática” ou “próprios dos iletrados”. Os falantes chegam às vezes a acreditar que sua língua foi dádiva de algum deus ou herói.

É raro que essas crenças tenham semelhança com a realidade objetiva, a não ser na medida em que *criam* uma realidade: se um número suficientemente elevado de falantes do português acreditarem que *entre eu e você* é inaceitável, então *entre eu e você* é inaceitável, e se um número suficiente de falantes do irlandês decidirem que o inglês é melhor ou mais útil do que o irlandês, então eles falarão inglês e o irlandês acabará morrendo.

¹ A versão original desse dicionário foi publicada em 2004 com o título *Key concepts in language and linguistics*. A tradução e a adaptação brasileira do dicionário, também publicada em 2004, foi feita por Rodolfo Ilari, com a revisão técnica de Ingedore Villaça Koch e Thais Cristófaros Silva.

É por causa de fatos como esses que alguns poucos linguistas estão hoje defendendo o ponto de vista de que as crenças da linguística popular devem ser levadas a sério em nossas investigações – o que contrasta fortemente com a opinião corrente entre os linguistas, de que as crenças linguísticas não passam de fragmentos erráticos de ignorância e *nonsense*. (TRASK, 2004, p. 184).

Um primeiro questionamento que se pode fazer à definição de Trask para além de ela ser datada, pois desconsidera completamente (inadvertidamente ou não???) o trabalho de Niedzielski & Preston (2000 e 2003) ou mesmo o de Antos (1996), é que a noção (rasa, sorradeira???) de crença, quiçá dicionarizada, com qual o linguista opera não é definitivamente a noção com a qual a linguística popular trabalha. Para o linguista inglês, crença está muito próxima de um saber que não condiz com a realidade, algo da ordem da imaginação. Trata-se em última instância de uma opinião, que não possui fundamento algum na realidade. Todavia, para a linguística popular o conceito de crença é muito mais amplo, pois ele faz parte de um quadro discursivo construído socio-historicamente no qual se inscrevem também as convicções, as representações, as emoções, os sentimentos, as atitudes, as intuições das pessoas sobre a sua língua e a linguagem em geral, cuja validade não está na sua adequação a um método científico, mas está justamente na tentativa de interferir na realidade. Um bom exemplo do que estamos falando é a recente tradução da Constituição brasileira de 1988 para a língua Nheengatu. Todo esse trabalho de tradução foi feito por não especialistas em ciências da linguagem e contou com o apoio do Supremo Tribunal Federal – STF e do Conselho Nacional de Justiça – CNJ. Com esse gesto político-linguístico os atores sociais envolvidos na tradução buscam possibilitar que mais pessoas, notadamente os falantes do Nheengatu, tenham acesso à Carta Magna da nação brasileira.

Uma segunda problematização que pode ser feita à definição de Trask é que as crenças sobre a língua e a linguagem dos falantes nasceria neles, ou seja, elas seriam o produto de uma ideologia singular dos falantes. Depois de Althusser (1970???) e de Pêcheux (1975) fica muito difícil defender que a ideologia nasce nos indivíduos. Para esses pensadores a ideologia é o que interpela os indivíduos em sujeitos. Nesse sentido, só passamos a condição de sujeito na e pela ideologia. Salvo o folclórico Barão de Münchhausen, não temos como fugir da interpelação ideológica. Com efeito, considerar uma língua bonita ou feia; mais ou menos expressiva, ou mais ou menos referencial, não tem a ver com uma opinião particular dos falantes, ou com uma ideologia inscrita num único CPF e/ou RG, mas com um saber que foi construído socio-historicamente. Saber esse que está distribuído nos mais variados ambientes: provérbios, literatura, escolas, livros didáticos, dicionários, mídia, instituições religiosas... e que são socio-cognitivamente distribuídos entre as pessoas de uma comunidade. A título de ilustração, em agosto de 2020, quando a cantora Anitta² inicia uma campanha na web para que o Google, troque no seu dicionário as definições do verbete patroa – “mulher do patrão” e “dona de casa” – por considerá-las machistas e preconceituosas tem-se aí a materialização de um imaginário socio-historicamente construído sobre a mulher, ou seja, o dicionário do Google reproduz e dá a circular uma ideologia socio-historicamente construída sobre a mulher.

² Uma breve discussão sobre essa questão está disponível em <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2020/09/anitta-reclama-de-significado-de-patroa-no-dicionario-do-google-site-se-pronuncia.shtml>

Um terceiro questionamento que pode ser feito à definição de Trask é acreditar que os falantes têm o poder de criar uma determinada realidade linguística: “se um número suficiente de falantes do irlandês decidirem que o inglês é melhor ou mais útil do que o irlandês, então eles falarão inglês e o irlandês acabará morrendo”. Nesse exemplo, o linguista assevera que os falantes teriam hipoteticamente o poder de mudar o destino de sua língua. Trata-se de um equívoco, pois se tem algo na nossa sociedade que não funciona por decreto e sim por uso é a língua. Um bom exemplo do que estamos falando é o sem número de projetos legislativos que transitam atualmente em diferentes casas legislativas brasileiras – câmaras de vereadores; assembleias legislativas e congresso nacional – proibindo o uso da linguagem neutra. Nem por isso os falantes deixam de usar a linguagem neutra, muitos inclusive na língua escrita, como é o caso da chamada oficial para a reabertura do Museu do Ipiranga, em agosto de 2022: “Um Museu ParaTodes, todes e todos³”. Ademais, como o próprio exemplo da linguagem neutra demonstra não há mudança sem que haja uma renhida luta pelos usos linguísticos em disputa. Foucault na sua Aula Inaugural no *Collège de France*, no início dos anos setenta do século passado, sabiamente já nos advertia: “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar”.

Uma quarta problematização em relação à definição de Trask, talvez a mais comprometedora de todas, especialmente no que concerne às questões éticas, pois para o autor há uma “opinião corrente entre os linguistas, de que as crenças linguísticas não passam de fragmentos erráticos de ignorância e nonsense”. Para além de um profundo desconhecimento do autor em relação às crenças linguísticas dos não linguistas, o autor as prejulga, designando-as de maneira preconceituosa. Na concepção do autor, não é possível pensar as crenças linguísticas dos não linguistas numa integração com os saberes científicos acerca da linguagem, por exemplo. Prática essa que é postulada desde o texto fundador de Henry Hoeningswald (1966) sobre a linguística popular e levado a cabo com muito esmero por Antos (1996); Niedzielski & Preston (2003); Achard Bayle & Paveau (2008); Murillo (2006); Vicari (2016); Lidia Becker & Sandra Herling & Holger Wochele (2023) entre outros pesquisadores.

Em 1898, Friedrich Polle, professor do ensino médio em Dresde, publica um opúsculo, com 164 páginas, intitulado “Como o povo pensa sobre a língua?” Esse livro pode ser considerado uma espécie de obra inaugural, *avant la lettre*, da linguística popular. Os dados do livro foram extraídos de uma ampla gama de textos literários, históricos e filosóficos, bem como de expressões proverbiais e de outros dados provenientes do senso comum.

³ O videoclipe oficial criado pelo próprio Museu do Ipiranga em parceria com o SESC para a reabertura do Museu do Ipiranga, a partir da Música ParaTodos de Chico Buarque de Holanda, pode ser visto em <https://www.youtube.com/watch?v=McEjqrNJEM>

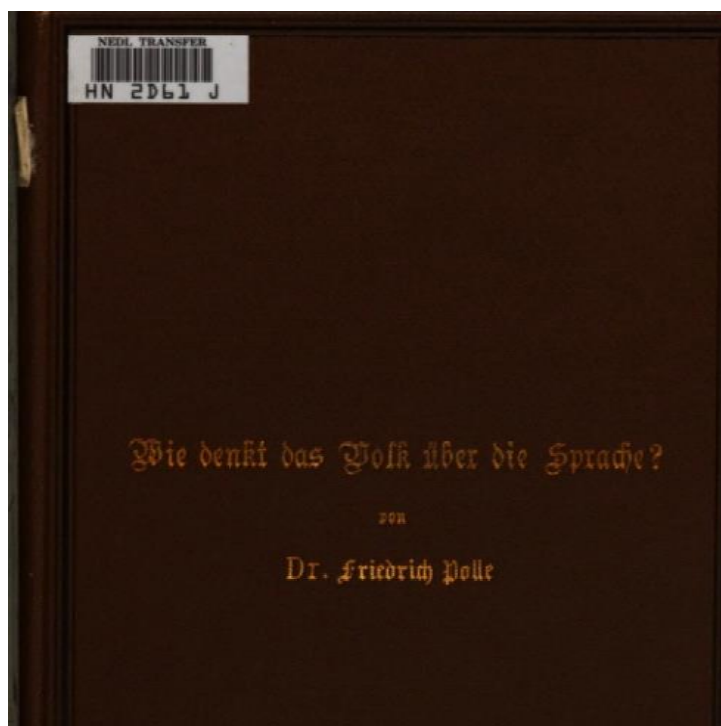


FIGURA 1 – Livro "Como o povo pensa sobre a língua?"

Fonte: autores.

As pesquisas de Polle chegaram a três conclusões:

...em primeiro lugar, a ligação entre o nome e o objeto que ele porta não é acidental e sim necessária. Em segundo lugar, tudo o que existe pode ser nomeado, isto é, conhecido, e ao contrário, aquilo que não existe não deve receber um nome. Em terceiro lugar, ao nomear, ou seja, ao conhecer algo, o ser humano o subjuga, adquire poder sobre esse algo.

Em 1898, Polle provavelmente já tinha ouvido falar da linguística histórica e dos estudos dialetológicos na Alemanha, no entanto, ele entendia as opiniões populares como “absolutamente verdadeiras”. O capítulo primeiro de seu opúsculo é justamente intitulado “O povo compreende bem”. Ele via essas opiniões populares como um ponto de partida para examinar as posições teórico-filosóficas que elas afirmavam, sugerindo que, se elas diferissem de uma determinada opinião científica, o ônus da prova caberia aos cientistas.

Mais modernamente, pode se asseverar que a linguística popular irrompe no contexto norte americano, em meados dos anos sessenta (1966) com uma palestra ministrada pelo historiador da linguística, Henry Hoeningwald. Nessa palestra, intitulada *Proposições para a Linguística popular*⁴,

⁴ A tradução brasileira deste texto pode ser acessada em [Linguística Popular: Folk Linguistics - saberes linguísticos de meia tigela?.pdf](#) (ufms.br)

proferida na Universidade da Califórnia, Hoeningswald nos chama a atenção para o fato de que enquanto pesquisadores da linguagem deveríamos estar interessados não apenas em:

a) o que acontece (idioma), mas também em b) como as pessoas reagem ao que acontece (se são persuadidas, se são afastadas etc) e em c) o que as pessoas dizem sobre a linguagem. Não adianta descartar esses modos de conduta secundários e terciários apenas como fontes de erros" (HOENINGSWALD, H. 1966/2021, p. 27) (grifos nossos).

Ao longo da história da linguística esses modos de conduta secundário e terciário vão abarcar questões muito variadas, que buscam dar conta sumariamente das avaliações, atitudes, crenças, percepções e intuições linguísticas dos falantes. No entanto, sobretudo, a partir dos trabalhos de Niedzielski e Preston (2003), autores da primeira obra de fôlego do campo, *Folk linguistics*, a Linguística popular vai reconfigurar as questões relacionadas à percepção, à avaliação e à intuição linguísticas, tomando-as como estados e processos cognitivos que governam o que as pessoas dizem. Esse tipo de abordagem segundo Preston (2008/2021, p. 40-1) se justifica por quatro razões:

A primeira é de ordem etnolinguística: praticar Linguística popular (aqui, doravante LP) é indispensável para quem deseja proceder a etnografia completa de uma comunidade linguística. Se ignorarmos o que os não-linguistas creem a propósito da linguagem ou de sua língua, perdemos a oportunidade de complementar nossos conhecimentos sobre o que talvez seja um dos elementos mais importantes de sua cultura. A segunda razão é estritamente linguística: a LP deve ser feita se alguém se interessa pelas intuições daqueles que usam a linguagem no cotidiano. Como poderíamos fingir que os linguistas não obteriam informações preciosas sobre a linguagem ouvindo os locutores populares que falam com perspicácia? A terceira razão diz respeito à variação e mudança linguística: seria surpreendente que a LP não tocasse em muitos dos elementos envolvidos na variação e mudança linguística. Em matéria de LP, muita coisa se passa no nível subconsciente, certamente, mas não todas, e as indicações que isso nos daria sobre os vencedores e perdedores da variação e da mudança deveriam ser interessantes, se não explicativas. A última razão diz respeito à linguística aplicada: podemos imaginar fazer LP sem saber quais são, em termos de LP, as representações do grupo com as quais será preciso trabalhar? Se o fizermos, nos expomos ao pior desastre, ou na melhor das hipóteses, a um enorme desdém pelas expectativas daqueles por quem trabalhamos.

No prefácio do *Folk linguistics*, edição de 2003, os pesquisadores Nancy Niedzielski e Dennis Preston apresentam o modelo proposto para os estudos em Linguística popular, inicialmente elaborado a partir das três questões propostas para o campo por Henry Hoengniswald ([1966] 2020):

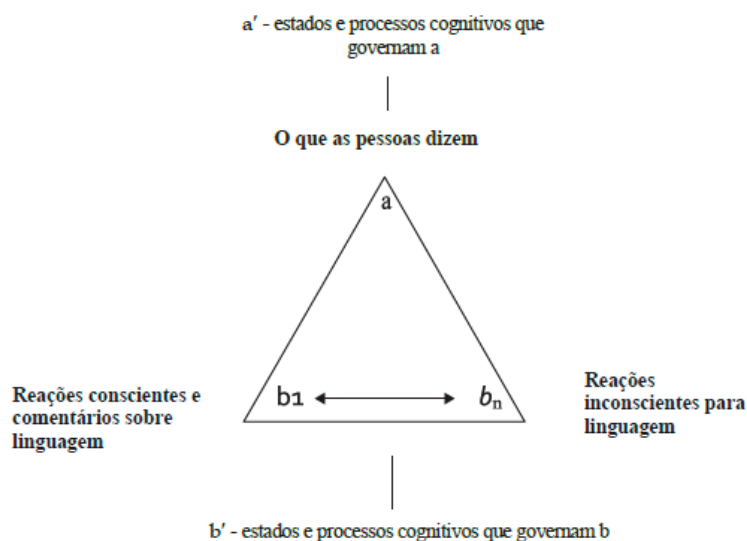


FIGURA 2 – O lugar da Linguística popular nos estudos da linguagem

Fonte: Niedzielski; Preston, 2003, p. 21

Para Niedzielski e Preston, o campo da linguística popular (**b¹**) e o das atitudes linguísticas (**bⁿ**) constituem um *continuum*. Com efeito, o campo específico da linguística popular se debruça sobre as reações mais conscientes discursivamente elaboradas e explícitas dos falantes acerca da conduta verbal de sua comunidade. No que concerne ao estudo dos campos **a** e **b¹**, compreende-se que é necessário distinguir os estudos que se enquadram no campo correspondente ao sistema especializado (estudo de **a**), dos estudos que se enquadram na linguística popular (estudo de **b¹**).

Para Preston (2011, p.15) “popular” nos estudos linguísticos indica que:

Também uso enfaticamente o termo folk na linguística popular para me referir a todas as pessoas, exceto os linguistas acadêmicos, assim como os linguistas seriam folk em um estudo de botânica popular, química popular, etc. Definitivamente, não uso o termo para me referir a grupos rurais, marginalizados, menos instruídos ou romantizados (“pitorescos”). Somos todos populares quando entramos no mundo do conhecimento tradicional e das formas de comportamento fora de nosso próprio treinamento técnico. Mesmo assim, o conhecimento popular pode estar em ação quando prevalecem modos mais subconscientes, embora, como nas atitudes linguísticas dos linguistas, por exemplo, essas atitudes possam ser suprimidas de comentários ou comportamentos explícitos pelo conhecimento profissional⁵.

⁵ No original: I also most emphatically use the term folk in folk linguistics to refer to all persons except academic linguists, just as linguists would be folk in a study of folk botany, folk chemistry, etc.... I definitely do not use the term to refer to rural, marginalized, less educated, or romanticized (‘quaint’) groups. We’re all folk when we step into the world of traditional knowledge and ways of behaving outside our own technical training. Even then, folk knowledge may be at work when more subconscious modes prevail, although, as in the language attitudes of linguists, for example, they may be suppressed from overt comment or behavior by professional knowledge. (PRESTON, 2011, p.15)

Na sua última estada para participar do II Seminário Internacional de Estudos em Linguística Popular – homenagem a Mário de Andrade e a Antenor Nascentes – SIELIPOP⁶, Preston (2023), no qual explanou sobre as relações entre a Linguística Popular, a Sociolinguística e a Dialectologia Perceptual, propôs o seguinte diagrama arbóreo sobre o campo de pesquisa da *folk linguistics*:

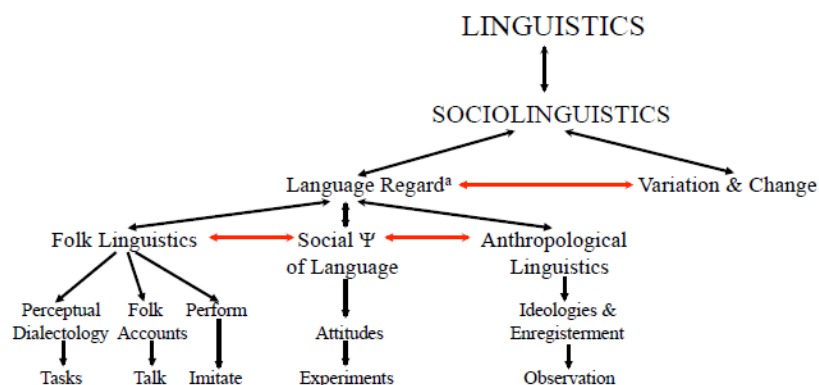


FIGURA 3 – *Folk linguistics*
 Fonte: Preston, 2023.

Os três subcampos listados na Figura 2 compartilham não apenas seus objetos de pesquisa, mas também os métodos de aquisição, análise e interpretação de dados. Com efeito isso nos leva a crer que a expressão "olhar linguístico", além de identificar esses pontos em comum, também incentiva os pesquisadores de cada uma dessas subáreas a tirar proveito de sua interdependência. A complexidade dos fundamentos cognitivos do olhar, o elemento comum na parte inferior da Figura 2, certamente torna necessárias essas abordagens de fertilização cruzada. Nesse sentido, ignorar a necessidade de variar as abordagens para apreender dados tão complexos poderia comprometer a precisão e o rigor.

Quanto às metodologias da linguística popular, especialmente do ponto de vista das técnicas de coleta e análise de dados, Preston (2011, p. 15) apontou para diferentes tipos de abordagem, caracterizadas como tradicionais, operacionais, experimentais e discursivas. Quanto às abordagens discursivas, Preston (2011, p.34) centrou seus esforços sobre o conteúdo metalinguístico de uma conversa sobre a fala, revisando estratégias que poderiam revelar atitudes subconscientes - seleção de tópico em imitação, especificidade referencial em argumento, marcadores de discurso e perspectivas de tópico, dentre outras.

Em 2008, Guy Achard-Bayle e Marie-Anne Paveau organizam um dossiê na revista francesa *Pratiques: linguistique, littérature, didactique*⁷, cujo título no formato pergunta, é justamente *Linguística popular?*. Esse dossiê organizado a partir de três seções e constituído por artigos de

⁶ Toda a programação do II SIELIPOP, realizada em São Carlos – SP, na UFSCar, no período 15 a 18 de março de 2023, está disponível em <https://www.even3.com.br/2sielipop/>

⁷ Ver 139-140 | 2008 Linguistique populaire ? (openedition.org)

pesquisadores/as de diversos países, notadamente Estados Unidos, França e Alemanha, indica que, para além dos comentários metalinguísticos, estão presentes como objeto de reflexão da linguística popular, também os metadiscursos dos falantes comuns.

No nosso entendimento, a proposta de Niedzielski e Preston (2003) e de Preston (2023), podem ser repensadas e reescritas com base em Achard-Bayle & Paveau (2020) em quatro grandes linhas de pesquisa: 1) formas e domínios da linguística popular; 2) validade e legitimidade das teorias espontâneas; 3) compreensão da dimensão socio-cognitiva dos metadiscursos dos não linguistas e 4) linguística popular e ensino de língua.

Com base na oposição que propôs Brekle (1984) entre práticas languageiras e práticas linguísticas, no âmbito da linguística popular, Paveau (2008/2018) organiza o campo de estudos estabelecendo quatro tipos de práticas linguísticas realizadas pelos não linguistas: prescritivas, descritivas, intervencionistas e militantes. Cumpre destacar que a linguística popular se ocupa das práticas linguísticas e não das práticas languageiras. Paveau (2020) distingue as primeiras, que sempre envolvem uma atividade metadiscursiva das segundas, que se referem a uma reflexão acerca dos usos da língua. Enquanto a linguística científica privilegia o estudo dos usos languageiros das pessoas comuns, buscando descrever, explicar ou interpretar tais usos, a linguística popular abarca as práticas linguísticas, isto é, a produção de saberes sobre a língua e a linguagem por não linguistas.

A Linguística popular talvez seja o mais neófito domínio a emergir no campo das ciências linguagem, praticadas no Brasil. Sua chegada aqui em terras brasileiras se dá no início de 2020, na revista *Fórum linguístico* da UFSC, com a publicação do dossiê intitulado *Linguística popular/folk linguistics e linguística científica: em vez do versus, propomos a integração*⁸, bem como com a realização do *I Seminário Internacional de Estudos em Linguística Popular: homenagem a Amadeu Amaral – I – SIELiPop*⁹. Esses dois acontecimentos buscaram refletir sobre os mais diferentes temas atinentes à Linguística popular, objetivando evidenciar que os enunciados populares sobre as práticas linguísticas não são necessariamente crenças falsas, equivocadas a serem eliminadas da ciência. Constituem ao contrário saberes perceptivos, (inter)subjetivos, militantes e (in)completos a serem integrados aos dados científicos da linguística, cuja pertinência deve ser avaliada muito mais pela sua constitutiva vontade de intervenção e, conseqüente mudança social do que pela validade estritamente científica.

De lá para cá, muitas atividades acadêmicas (oferecimento de disciplinas na graduação e na pós-graduação, elaboração de dissertações, teses, relatórios de iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso, publicação de artigos, capítulos e livros, organização de eventos nacionais e internacionais e, especialmente, tradução dos livros clássicos do campo) todas com objetivo de institucionalizar esse importante modo de compreender a linguagem a partir dos metadiscursos dos próprios falantes.

Este Dossiê que ora apresentamos segue o esforço de institucionalização da linguística popular no contexto das ciências da linguagem praticadas no Brasil. Trata-se de um conjunto de textos

⁸ Este dossiê está disponível em *Linguística popular/folk linguistics e linguística científica: Em vez do versus, propomos a integração* | Fórum Linguístico (ufsc.br)

⁹ A programação do evento está disponível em *Apresentação* | Sielipop (sielipopufscar.wixsite.com)

escritos por jovens e experientes pesquisadores/as. Inaugura o Dossiê, o texto de **Stefano Vicari**, *Linguistique populaire, socioterminologie, autorité: le cas des forums des énergies renouvelables*. Na sequência, temos o artigo de **Robert Moura Sena Gomes**, *A dissidência linguística: análise da tendência do termo “gênero neutro” no Brasil (2004 - 2022) no Google Trends*. Depois vem o artigo de **Keila Vasconcelos Menezes**, *Explorando pistas sociolinguísticas em textos literários*. O quarto artigo é de **Jackelin Wertheimer Cavalcante e Renata de Oliveira Carreon**, *The Ifood b side campaign and complexity in digital work relations: unveiling other revascularizations?* O quinto artigo é de **Livia Maria Falconi Pires** e de **Lígia Mara Boin Menossi de Araujo**, *Linguística popular: questões sobre práticas emancipatórias*. O sexto artigo é de **Tamires Cristina Bonani Conti e Terezinha Ferreira Almeida**, *Notes about folk edition on social networks*. Finalizando o Dossiê, temos o artigo de **Lígia Mara Boin Menossi de Araujo** e de **Clariane Molina de Lima**, *O dicionário informal: uma questão para a linguística popular*.

Ótima leitura a Todas, Todes e Todos.

Entre São Carlos - SP, Coxim - MS e Oklaroma - EUA, primavera de 2023.

REFERÊNCIAS

ACHARD-BAYLE & PAVEAU, M-A. **Linguística popular**: a linguística ‘fora do templo’ - definição, geografia e dimensões. IN: Revista Fórum linguístico, 2020. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2019v16n4p4257/42452>

BARONAS, R. L. & COX, M. I. P. **Linguística popular/Folk linguistics**: práticas, proposições e polêmicas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

BARONAS, R. L.; CONTI, T. C. B; GONÇALVES, M. R. B. **Linguística popular/Folk linguistics**: saberes linguísticos de meia tigela? Campo Grande, MS, EdUFMS, 2021.

BARONAS, R. L. & GONÇALVES, M. R. B. & SOUZA, M. I. Linguística popular. IN: OTHERO, G. & FLORES, V. **A linguística hoje**. São Paulo, SP: Contexto (no prelo para a publicação).

GONÇALVES, Marcelo Rocha Barros. A Linguística Popular e a Historiografia Linguística. **Revista da ABRALIN**, p. 609-620, 2021.

HOENINGSWALD, H. Uma proposta para o estudo da Linguística popular. IN: BARONAS, R. L.; CONTI, T. C. B; GONÇALVES, M. R. B. **Linguística popular/Folk linguistics**: saberes linguísticos de meia tigela? Campo Grande, MS, EdUFMS, 2021.

NIEDZIELSKI, N. & PRESTON, D. Folk linguistics. Berlin/New York, Mouton de Gruyter, 2003.

POLLE, F. **Wie denkt das Volk über die Sprache?**, Leipzig, Teubner, 1898.

PRESTON, D. O que é linguística popular? Uma questão pertinente para as ciências. IN: BARONAS, R. L.; CONTI, T. C. B; GONÇALVES, M. R. B. **Linguística popular/Folk linguistics**: saberes linguísticos de meia tigela? Campo Grande, MS, EdUFMS, 2021.

PRESTON, D. **Folk linguistics**. Palestra de Abertura do II Seminário Internacional de Estudos em Linguística Popular: homenagem a Mário de Andrade e a Antenor Nascentes – II – SIELiPop, 2023a.

PRESTON, D. L'évolution de la linguistique populaire comme domaine d'étude. IN: BECKER, Lidia & HERLING, S. & WOCHÉLE, H. **Manuel de linguistique populaire**. Berlin/New York, Mouton de Gruyter, 2023b.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Trad. de Rodolfo Ilari, com a revisão técnica de Ingedore Villaça Koch e Thaís Cristóforo Silva. São Paulo, SP: Contexto, 2004.

VICARI, S. **Pour une approche de la linguistique populaire en France Attitudes, prédiscours, questions de confiance**. Aracne editrice int.le S.r.l., 2016.